

ANTE A AMEAÇA

duma ditadura militar,
o povo deve preparar-se
para defender as poucas
liberdades que usufrui

Volta a circular com insistência o boato duma intentona reaccionária de característica militar. A população do país, especialmente a de Lisboa, sente pairar sobre si a ameaça de mais uma das já periódicas desordens políticas que celebrizam ante o mundo este canto do ocidente, e cujo resultado único tem sido o empobrecimento económico e moral do país, com sacrifício de vida para aqueles que, mesmo alheios às lutas políticas, são vítimas imoladas à perversidade dos que se degladiam pela ambição do mando.

O uso da violência para a escalada do poder tornou-se em abuso; e rara é a semana em que a população cidadina não acorda com os quartéis de prevenção, as ruas patrulhadas, a cidade transformada em possessão marroquina ou campo de manobras.

Prescrita-se o ambiente e colhe-se a afirmativa de que "um grupo de abnegados" pretende depurar o país e arrancar-lhe o escalacho que o tem amezado. Procuram-se os novos messias, e eles surgem nos repletores de scintilações douradas, rivas de opereta que querem libertar-nos... a tiros de canhão e pelo cerceamento das parcas liberdades, impondo-nos a pena de morte e a deportação em massa, para todos os que não aceitem o regresso ao mais feroz dos ultramontanismos.

E a casta militar, essa mesma que, disseminada pelas várias empresas, bancos e companhias, senhora do parlamento e dos principais cargos de mando do poder civil, cancro máximo que imprudentemente devora gota e gota os impostos arrancados ao país, se arroja a falar-nos em depuração e em moralização. Como se fôsse possível limpar uma latrina à força de excremento.

Nós não escondemos o perigo que imana sobre as classes populares. O desencadear duma reacção conservadora-militarista seria o maior dos flagelos, se bem que a sua duração esteja delimitada pelo relógio da história em emergências semelhantes.

As espadas em nossos tempos triunfaram um dia chefiadas por Sidónio Pais e o seu reinado durou a efemeridade de um ano, durante o qual, como actualmente com Rivera em Espanha e Mussolini em Itália, se pretendeu dar ao estrangeiro a impressão de que o país adorava o seu tirano. E o povo que, coagido, formara o cortejo dos laços verdes à Sidónio, respirou quando se viu livre daquele consulado. ¿Quere-se repetir a história? Achamos cedo.

A reacção militar feita poder seria o império da Caserna sobre a Rua, a transformação do país num quartel imenso, em que a madracise agalooada oprimiria o trabalho útil.

Esquecidas as lições da história, talvez que a farça ignóbil que vem exibindo-se na "sala do risco" alente as espadas contra a rua e, mais dia menos dia, surjam os aventureiros a, em nome da tranquilidade e da depuração, assestar peças contra a casaria, distribuindo impudica e cobardemente a morte aos domicílios da população indefeza. E' o boato que o diz. Pois antes que o boato se materialize é mister que do país inteiro, a parte sã do povo se disponha a defender as parcas liberdades, usando de todos os meios para jugular qualquer tentativa dos reaccionários.

Do governo, provado como está que os políticos pactuam sempre que se trata de esmagar o povo na sua rebeldia justa, nada há a esperar. Basta que constataremos a dualidade de critério adoptada entre o prenderem-se operários a pretexto de boato duma coisa legal—greve, e o dispensarem-se honrarias e deixarem-se à vontade os forjadores das intentonas políticas.

A defesa das liberdades públicas só pode ser feita pelo povo. Ele que se prepare. E como são, ainda, os filhos do povo que, militarizados, têm sido instrumentos e vítimas nestas lutas de ambição, que o facto se não repita e eles saibam desobedecer às intimativas ferinas dos seus chefes.

Notas & Comentários

Incoerências

O dr. Brito Camacho declarou há dias, num manifesto dirigido aos eleitores que abandonava definitivamente a política. Ao caso fizemos referência, como os leitores devem estar lembrados. E pelo que o antigo "leader" dos unionistas dissera e pelas afirmações pessimistas que produzira, nós convencemo-nos de que ele se retiraria para o anonimato, para qualquer doce exílio da política, dedicando o resto da sua vida às suas obras literárias infinitamente mais interessantes do que as suas obras políticas. Mas—isto de meter o bedelho na coisa pública é um vício difícil de destruir—ainda ontem o sr. Camacho surgiu em editorial do Diário de Notícias discutindo, como antes das suas declarações pessimistas, os actos do governo, os duodécimos e outras cousas de que se afastaria para sempre, se as suas afirmações do celebre manifesto se confirmassem.

Tanto nos importa que o dr. Brito Camacho faça política como não a faça. Apenas registamos esta incoerênciainha que tem realmente tanto de amargoso e de irónico como aqueles sueltos com que o illustre jornalista esmaltava nos saudosos tempos as colunas da Luta.

O do Portinho da Arrábida

O dr. Cunha e Costa vem escrevendo para a Época uma série de cartas datadas do Portinho da Arrábida, onde se encontra acompanhado, com a família, em barracas de lona. Lembra-nos que nas primeiras cartas o dr. Cunha e Costa "bava o seu isolamento e a ignorância do que se passava no mundo, pois ali, na praia dourada batida pelo sol e beijada pela onda espumosa, não existiam jornais para leitura. Ontem, surgiu-nos o conhecido advogado a discutir com bastante conhecimento de causa o julgamento dos implicados no 18 de Abril. E, caso curioso, pela maneira como fazia a apologia da ditadura militar viu-se que o dr. Cunha e Costa, lá no Portinho da Arrábida, não deixava de inteirar-se, pelas gazetas, de todos os pormenores daquelas audiências de força em que os militares, para prestigiar o exército, se denunciam rancorosamente uns aos outros.

Decididamente, cada vez devemos desconfiar mais destas flores de retórica que certos homens públicos empregam só para embelezar os seus artigos. Felizmente, que registando mais esta incoerência do dr. Cunha e Costa, não nos surpreendemos, apenas confirmamos a ideia que há muito havíamos formado sobre a sua firmeza de princípios.

Simples coincidência...

Foram encontradas oito bombas nuns terrenos que estão perto da Torre de São Julião da Barra. Estavam cuidadosamente embulhadas em exemplares do Seculo e num manifesto que a União dos Interesses Económicos há tempos distribuiu. Esses exemplares do Seculo têm datas de Abril, da proximidade da intentona reaccionária cujos implicados estão sendo julgados agora. As gazetas deram esta notícia sem o mais leve comentário—e realmente o caso não merece outro comentário senão o que se deve fazer à falta de comentários das gazetas. Se as bombas estivessem embulhadas em exemplares de A Batalha e em manifestos da C. G. T., não faltaríamos parangões e insinuações contra este jornal e contra a Central Operária. Berrar-se-ia por providências, dir-se-ia que a cidade estava minada de dinamite e reclamar-se-ia a prisão imediata de todos os militantes operários porque deveriam ter sido eles com certeza os manipuladores dos mortíferos engenhos. Agora, nós, por vingança, poderíamos acusar a União dos Interesses Económicos e O Seculo de implicados em todos os atentados dinamitistas que para aí se produzem. Mas não, não usamos, para defender o nosso ideal, os baixos processos do inimigo. Os portadores das bombas encontradas em São Julião da Barra provavelmente embulharam-nas distraidamente em exemplares do Seculo como nós, por vezes, levamos exemplares do jornal Novidades para lugares desolamento e de alívio...

Ingratos!

O Rebate descobriu que se está forjando contra o sr. Barbosa Viana da policia uma "campanha indecorosa". Diz que se acusa o rapazinho da policia de cometer "ferecidades" que o seu espirito generoso não possui. E, por fim, descobre ainda o Rebate, descendente de Vasco da Gama a avaliar pelos descobrimentos gloriosos que faz, que a tal campanha forjada contra o rapazinho da policia parte de "indivíduos que o adulavam e a quem ele encheu de favores". Ingratos!...

Impertinencia

De quando em vez apparecem sobre a nossa mesa de trabalho uns papelluchos que nos trazem a informação de que na aldeia A se realiza uma festa religiosa que é designada por festejos tradicionais. A todos ligamos a importância que nos merecem os papéis inuteis e como tal os tratamos.

Agora chegou até nós uma circular solicitando-nos donativos para o custeio das festas tradicionais que vão realizar-se no lugar do Livramento. Escusado será dizer ao leitor que o papellucho leva o destino dos seus antecessores como a melhor resposta ao pedido. E prevenimos que de futuro nem esta simples alusão lhes fazemos...

A Austrália aboliu

a pena de morte

Com vista a corto parlamentar...

LONDRES, 12.—O parlamento australiano aprovou um projecto de lei abolindo a sentença de morte.

Fica assim abolida a pena última em Portugal, Romenia, Italia, na maioria dos Cantões suíços e em seis Estados da America do Norte, alem da Austrália.

CARTA DO PORTO

O QUE DISSE A "BATALHA" sobre o problema da educação da mulher o distinto professor da Escola Primária Superior sr. Oliveira Cabral

Acabam de aparecer axitados nas esquinas desta cidade uns cartazes annunciadores de um "Curso Gratuito de Educação Feminina" que a Escola Primária Superior de Júlio Denis, anexa à Escola Normal Primária (rua da Alegria) resolveu abrir em Outubro próximo.

Num momento em que, por toda a parte, tanto se fala de educação, principalmente para a mulher, que tendo um papel preponderante a desempenhar no desenvolvimento das consciências, dos caracteres e dos sentimentos individuais que se reflectem na boa harmonia e respeito colectivos, é precisamente a mais desprezada naquele sentido—aquella iniciativa é digna de todo o apreço.

E como o nosso jornal, que pugna pela libertação dos povos, quer sob o ponto de vista material e profissional, quer sob o aspecto espiritual, nunca deixou de aplaudir o progresso escolar e, portanto, o alargamento da esfera de acção instrutiva e educativa—nós resolvemos procurar o illustre professor daquela escola sr. Oliveira Cabral a fim de nos dizer algumas palavras sobre o referido curso.

Recebidos com toda a afabilidade, e depois dos cumprimentos do estilo e de expostos os fins da nossa visita, o sr. Oliveira Cabral, disse-nos:

—Fala-se muito na emancipação das classes trabalhadoras. Para essa emancipação, para o bem estar do operariado, é necessário que a mulher concorra. E para que ela possa dar à felicidade colectiva o auxílio que é legítimo pedir-lhe, carece de adquirir uma educação geral que não possui, infelizmente.

Não podemos deixar de considerar justas as razões do nosso entrevistado. Mas nós também tínhamos as nossas, quando não sejamos cépticos de todo e tenhamos esperanças num futuro melhor. E repostámos-lhe:

—Mas a escola, mau grado nosso, pouco tem concorrido para esse objectivo...

—Concordo. Por isso mesmo o estabelecimento de ensino a que pertencei resolveu abrir, em Outubro, um "Curso de Educação Feminina" inteiramente gratuito e no qual serão fornecidos às raparigas os conhecimentos indispensáveis para poderem vir a ser boas donas de casas, sabedoras e dedicadas.

—E quais são os conhecimentos que reputa indispensáveis à mulher e a sua escola se propõe ministrar?

—Em primeiro lugar: coisas práticas. Ensinar-se a fazer a puericultura e higiene geral, cozinhar, roupas brancas, vestidos de senhora e crianças, lingua materna, etc. A maior parte das mães não sabem cuidar dos recém-nascidos. Muito amor... muito carinho... e muita ignorância. Tome apenas nota disto: 50 por cento das crianças cegas, são-não por ignorância das mães. Esta ignorância é um crime, não acha?

—Certamente, mas pertencente à sociedade...

—O professor de higiene ensinará também um pouco de enfermagem, ensinará a conhecer as pequenas doenças e a tratá-las. A professora de culinária ensinará igualmente a cozinhar regimes de dieta, o que evitará que certos padecimentos das famílias das alunas se agravem e outros apareçam, devido à má organização dos menus.

—Não nos parece, contudo, que isso seja

uma coisa muito fácil de realizar. Como, em geral, essas boas iniciativas sossobram quasi sempre ao abandono característico de quem tem interesse em que o povo continue no seu confrangedor apedutismo...

—Nada de desesperos. Com vontade forte tudo se consegue. A escola primária superior de Júlio Denis está anexa à Escola Normal Primária que tem, como sabe, cantina para os seus alunos. A Escola de Júlio Denis, ao abrir o seu curso extraordinário, sem encargos para o Estado, tem esperanças que há de obter exito feliz dos esforços que está envidando.

—Mas, além das que enumerou, a escola não tem outras disciplinas?

—Tem, sim, dentro do caracter utilitário que presidiu à organização do programa, Rendas (inglesa, "filet", "macramé", etc.) bordados (a branco, "Richelieu" e inglês, sobre tule e a matiz), arte aplicada (pirogravura, estanho e coiro em relevo, flores de pano e de papel, etc., etc.); desenho, música, etc. Em síntese: ensinaremos tudo aquilo que uma boa dona de casa deve saber, quer no que respeita à direcção material e moral do lar, quer no que respeita ao seu alindamento, o que também é importante.

Uma dúvida, porém, nos ficava. As alunas, nos ensinamentos práticos, executarão diferentes trabalhos. ¿Que destino terão eles? —perguntamos nós, com toda a franqueza que nos caracteriza, ao sr. Oliveira Cabral. Este illustre professor imediatamente nos respondeu:

—Como consta das indicações gerais dos programas do "Curso Gratuito de Educação Feminina", dos quais lhe ofereço um exemplar, "as alunas deste curso formarão uma associação escolar de auxilio mútuo, que promoverá passeios e excursões de recreio e estudo. As alunas que constituirem a direcção dessa associação devem promover a venda dos artigos fabricados nas aulas práticas e organizarão espectáculos infantis e outros, quermesses, subscrições, etc., para, com a receita liquida, manterem e melhorarem constantemente as aulas práticas do curso, adquirindo livros e material escolar para as suas colegas mais pobres".

—Plenamente satisfeitos, e mais ainda se essa tarefa se cumprir integralmente. Pelo exposto, verifica-se que se pode aconselhar um operário consciente a que inscreva as suas filhas nesse curso. Tornando-se necessário a grande propaganda dos seus benefícios, A Batalha, a qual lhe não são extranhos os progressos pedagógicos sob os seus múltiplos aspectos, está pronta a auxiliar, na medida do possível, o corpo docente de tão útil escola.

O sr. Oliveira Cabral, ao transmitir-nos os seus agradecimentos, comunicou-nos ainda que a Federação dos Amigos da Escola Primária promove, no dia 15 do corrente, uma sessão pública de propaganda na Casa do Povo, para tornar o curso conhecido. Nessa sessão falarão os srs. António Correia e Juliano Ribeiro, pela Federação dos Amigos da Escola Primária; Manuel José da Silva, a pedido da Federação; e Oliveira Cabral, pela Escola Júlio Denis. Num "até breve", despedimo-nos do nosso entrevistado, que forneceu estas informações, as quais, certamente, serão devidamente apreciadas pelos nossos leitores.

Pôrto.

C. V. S.

FIGURAS SOCIAIS

PEDRO KROPOTKINE

A sua vida e as suas obras por Adrian del Valle

«Os cinco anos que passei na Sibéria—diz nas suas Memórias—foram para mim muito instructivos no que respeita ao caracter e à vida humana. Assim fui posto em contacto com os homens de todas as condições, os melhores e os piores; aqueles que se encontravam na cuspide da sociedade e os que vegetavam no seu mesmo fundo».

Foram para elle um largo período de actividade, de continuas emoções e de proveitosos estudos. Escreveu sobre a reforma das prisões e de todo o sistema de desterro, preparou um projecto de autonomia municipal, regressou a Amur durante o verão de 63, sendo sua viagem repleta de peripécias e perigos.

O naufragio e perda de 40 barcos carregados de viveres, condemnando a fome a população do baixo Amur, no inverno. Para o evitar, Kropotkine realizou uma rápida e penosa viagem até Chita, chegando morto de fadiga à estação penal de Kará, onde encontra o governador da Transbaikalia. Descansa uma semana e, em seguida, dirige-se a San Petersburgo para informar, pessoalmente, da catástrofe. Na viagem, feita sem descanso, emprega vinte e quatro dias e respectivas noites. No mesmo dia da sua chegada à grande cidade, entrega os seus despatches e de noite, em casa de sua tia, a princesa, e onde se estava realizando uma recepção, bailou Kropotkine até ao amanhecer. As fadigas e as inquietações têm sido muitas, mas dá-as por bem sofridas, pensando nos males que elas iriam remediar.

Volta a Irkutsk naquele mesmo inverno, levando a nomeação de agregado ao governo geral da Sibéria Oriental para todo o referente aos cossacos.

Dando-lhe o cargo pouco que fazer, emprende explorações geográficas pela Mandchuria. Vai à frente duma caravana comercial organizada pelos cossacos, com o

objectivo principal de encontrar um antigo e ignorado caminho chinês que, dizia-se, estabelecia a comunicação entre a região de Amur central e a povoação mandchuriana de Merghen. Até então, nenhum europeu havia visitado aquella região.

Kropotkine faz a viagem como negociante e com nome suposto, para não suscitar prevenções entre as autoridades chinas. Na referida expedição não só descobre o caminho directo ignorado, como o caracter fronteiriço do Gran Khingán, a facilidade com que pode cruzar-se, os vulcões terciários, que se tinha por enigmáticos e outros factos de importância.

No outono seguinte faz outras viagens mais interessantes, subindo pelo Sungari até ao coração da Mandchuria, chegando a Chitrin. Em 1865 explora o Sayans occidental, onde adquire novos conhecimentos sobre a estrutura das altas regiões da Sibéria. No ano seguinte empreende uma longa viagem para descobrir uma comunicação directa entre as minas de ouro da provincia de Yrkutsk e Transbaikalia, coisa que inutilmente outros exploradores antes haviam tentado; esta viagem serviu-lhe de muito para mais tarde achar a base da estrutura das serras e planícies da Sibéria.

A vida activa e acidentada que fez na Sibéria, não o impediu de, levado pelo natural ardor juvenil, ao principio, interessar-se pelas festas que de vez em quando se realizavam. Tomou parte, como aficionado em várias representações teatrais que se celebraram em Chita e em Irkutsk, desempenhando papeis de joven galan. Tomou tal afeição ao teatro que um dia escreveu a seu irmão, confessando-lhe, ingenuamente, que sentia desejos de abandonar a carreira militar para dedicar-se à arte dramática.

Em 1864 teve a satisfação de ver reunir-se-lhe, em Irkutsk, seu irmão Alexandre,

NA FRONTEIRA

do Alentejo andam engajadores iludindo mais ingênuos para levá-los ao matadouro de Marrocos

Não sabemos se o governo português sabe das manobras ignóbeis que os engajadores espanhóis de carne humana para o açougue de Marrocos estão fazendo na fronteira portuguesa do Alentejo e do Algarve. Mas se não sabe fica-o sabendo agora. Indivíduos de moral duvidosa—que enriqueceram no «negócio»—andam por aquelas regiões apanhando gente como quem arrebanha gado ou caça feras por meio de ciladas. Os seus manejos são públicos e bem públicos e não nos consta que as autoridades portuguesas, sempre tão vigilantes quando algum homem fide bem comete a gaffe de proclamar uma verdade, tivessem posto cobro ao vergonhoso conto do vigário que vem vitimando algumas dezenas de camponeses ingênuos que nas suas malhas se deixam apanhar.

Sabe-se que na Legião Estrangeira em Marrocos estão combatendo, pela Espanha, indivíduos de diversas nacionalidades. E sabe-se também que o Estado Maior espanhol, em vez de reconhecer o esforço desses estrangeiros que combatem por uma causa que não lhes pertence, os tratam com desdém, com desprezo, com brutalidade.

Sabe-se ainda que os espanhóis não só faltam aos contratos—não pagando o que prometem—como fornecem alimentação péssima e infligem castigos brutais aos soldados da Legião Estrangeira, que é sempre a primeira a ser arremessada contra o adversário e a sofrer os mais rudes embates da luta.

Esse desprezo pelo estrangeiro que arrisca a vida pela Espanha levou já alguns governos, como o inglês e o americano, a ordenar a immediata retirada dos seus súbditos das fileiras do exército espanhol.

A Espanha luta agora com falta de gente. A mocidade espanhola vem perdendo-se, em sucessivos desastres, durante anos seguidos no vespereiro marroquino. Por isso a cada um português é um recurso ao qual os militaristas espanhóis se apegam com desespero.

Assim, pela fronteira alentejana têm sido distribuídos uns prospectos, escritos em português, dirigidos aos «Espanhóis e Estrangeiros» mas que visam apenas apanhar os portugueses ingênuos, ignorantes, para enviá-los para a morte.

Fazem-se nesses prospectos promessas que os espanhóis nunca cumpriram. Diz-se ao pobre diabo que caia na asneira de incorporar-se no «tercio» que pode ascender a capitão, que lhe pagarão pretos chorudos, que se distribuem 500 pesetas de prémios dos quais 250 serão entregues no acto do alistamento. Os «menus» que esse mesmo prospecto anuncia são maravilhosos. Para o leitor fazer uma ideia do descaro dos engajadores vamos citar um desses «menus»:

«Segunda-feira 1.ª refeição: café com leite e pão. 2.ª refeição: sopa de arroz, cozido à jardineira, peixe guisado à marinheira, carne guisada com batatas, vinho, laranjas e café. 3.ª refeição: chicharros à marinheira, pescadinhas fritas, figado à espanhola, café».

Pregunte-se a qualquer dos voluntários portugueses que têm regressado a Portugal se lhe têm sabido bem estes acepipes... Fome, fome, é o que todos lhes afirmam que lá se passa.

Já varios desgraçados se têm deixado iludir por estas sedutoras promessas. Quantos a esta hora não estarão arrependidos de terem acreditados nessas promessas!

Não sabemos se o governo tem conhecimento que Portugal tem estado fornecendo carne humana para ignóbil exploração em Marrocos. Mas se o não sabe fica-o sabendo agora.

Soldados franceses que desertam para não partirem para Marrocos

BERLIM, 12.—Em Darmstadt, cidade recentemente desocupada, foram detidos pela policia dois soldados franceses que se apresentavam uniformizados nas ruas.

Com o auxilio dum interprete, declararam às autoridades que haviam desertado do seu regimento, em virtude de terem recebido ordem de partir para Marrocos.

ali enviado a fim de tomar o comando dum esquadrão de cossacos.

A insurreição dos desterrados polacos em 1866, mostrou aos dois irmãos a falsa feição que occupavam como officiaes do exercito russo. Ambos, ao verem-se obrigados a lutar contra os rebeldes, a isso se negaram; e para evitar a repetição futura do facto, decidiram deixar o serviço militar e regressar à Rússia. Em principios de 67 empreenderam viagem a S. Petersburgo, Alexandre acompanhado de sua esposa, visto que casara em Irkutsk.

Em São Petersburgo realizou o seu desejo, por largo tempo alimentado, de estudar na Universidade. Tendo abandonado o exercito, e não contando, por isso mesmo, com apoio paterno, tem que depender successivamente do seu trabalho pessoal.

As suas importantes explorações e estudos geográficos da Sibéria, abrem-lhe as portas da Sociedade Geográfica, que o nomeia secretario da secção de geografia fisica. Escreve uma documentada memoria recomendando uma grande expedição, não chegando a realizar-se porque o governo se recusou a facilitar os recursos necessários.

Comissionado pela Sociedade Geográfica realiza em 1871 uma viagem à Finlândia e Suécia, para explorar os depósitos glaciaes. Durante esta viagem, aparte os assuntos scientificos, teve occasião de interessar-se pelas questões sociais, observando a vida dura e miseravel dos campones finlandez.

(Continúa)

ASSINEM Os mistérios do Povo

VELHO TEMA

CONTINUA

A CRISE DO THEATRO ALMEIDA GARRETT

Dizem notas mais ou menos officiaes ter sido já solucionada a ultima crise do teatro Nacional, crise provocada pela saída do gerente e pela morte de dois societários—os mais activos e categorizados elementos do teatro. A solução que deram não passa, em meu entender, de um pallativo a demorar para tempo indeterminado uma reforma verdadeira que só a má fé de alguns cavalheiros e os interesses inconscientes de outros pretendem evitar.

Sem que pretenda agora passar por vi-dente, nuns artigos que em tempos fiz publicar em A Batalha eu previ tudo quanto nas duas épocas teatraes findas se passou na casa de Garrett. Porque nessa altura, contra a opinião de muita gente boa, eu demonstrei que a reforma que se discutia então não passava duma panacea que não poderia curar o mal de que vem sofrendo o teatro do Estado. E não querendo também passar hoje por velho do Restelo ou ave de mau agouro, sempre direi que a época futura (e não digo épocas porque os desconhecidos são de efemera duração...) será tanto ou mais desastrosa que as que findaram. Nas duas épocas transatas ainda havia à frente do teatro um homem dedicado, cheio de boa vontade—se bem que de critério errado—e, sobretudo, havia a miragem dum subsidio de 150 contos que o Estado devia dar, mas... nunca deu. E agora?—Agora nem há esse homem que se fartou de aturar os artistas e se cansou de perder dinheiro do seu bolso numa tarefa ingloria nem existe a esperança do tal subsidio official.

Mas há—e isso é o mais importante para certa gente— a ausência de tutela, a falta de fiscalização por parte do Estado. A sociedade artistica poderá de oravante levar à scena tudo quanto lhe cheire dar dinheiro, sem ter que olhar ao passado do teatro e aos fins para que foi criado, coisa que, de resto, há muito foi esquecida.

Todos sabemos como se têm cumprido as aspirações do visionário Garrett. Reformas sobre reformas, nunca espécie de certame de asneiras, adulteraram por completo o sonho desse idealista, que era o de criar um teatro nosso com interpretes que não desmerecessem dos de fora.

Theatro português foi coisa que, por falta de protecção ou estímulo das empresas arrendatárias do edificio, nunca se criou, antes se tem impedido o seu progredimento. Quanto a interpretes, exceptuando três ou quatro figuras, sabe-se quanto valem artisticamente os que por lá polulam, com a agravante de serem indisciplinados, de faltarem lamentavelmente ao cumprimento de seus deveres, comprometendo os conjuntos, a ponto do actor Chaby dizer há dias ter sido contratado para representar três peças, mas só pudera representar uma porque para ensaiar as outras não houvera tempo. E mesmo nos ensaios do «Abade Constantino» nunca se conseguiu reunir todos os interpretes—nem mesmo no ensaio geral!

Pois foi a gente de tão pouca consciencia profissional que o governo deu o teatro para exploração!

Que surpresas nos reserva a nova gerencia do teatro Nacional?

Alheando-se da exploração directa do seu teatro, o Estado cometeu uma falta que, mais ou menos, há-de querer reparar, contrito. Dar o edificio de mão beijada, a quem ainda não demonstrou capacidade administrativa e abnegação artistica, é um erro imperdoavel. A ter-se que tomar uma resolução contraria aos objectivos do teatro, antes que adjudicar o edificio a quem, moral e artisticamente, não pode explorar convenientemente, devia ceder-se a companhias que sem qualquer apoio official, somente pelo escripto artistico de seus dirigentes, nestas ultimas épocas fizeram mais pelo teatro português—tanto representando com uma certa probidade e elevação como apresentando novos originaes de novos autores—que o teatro subvencionado.

Decerto o leitor já notou que me refiro às companhias de Amélia Rey Colaço e de Lucília Simões. E' verdade. Não venho aqui reclamar os meritos de qualquer artista nem zelar os interesses de qualquer empresa. São conhecidas as minhas opiniões sobre o eterno caso do Nacional. Mas, a ter que suportar um mal deve preferir-se o menor. E' o caso de agora. O teatro Nacional deve de preferencia ser explorado directamente pelo Estado, que cobrará os prejuizos da exploração quando esses prejuizos resultem em beneficio da arte. E a tese que eu sempre sustentei e continuo sustentando. O delegado do governo junto do teatro deve ter poderes para meter na ordem quem dela anda fora. Deve poder estabelecer sanções contra os donos do teatro que procurem entravar a sua obra administrativa. A não se fazer assim, cairão nas mesmas rubricas e artimanhas que pregaram com a empresa Menezes & Ferreira de camgalhas.

Dar o teatro a quem não trabalha pelo seu esplendor, a quem não comparece a ensaios, a quem há muito cristalizou na arte ou nunca nela foi coisa notavel, a quem no inicio das épocas apetece fazer viagens de recreio através dos mares é um erro tremendo.

A não haver coragem para elaborar uma reforma a valer, mais valia pôr o edificio a concurso e adjudicá-lo a quem mais garantias—tanto artisticas como financeiras—desse. Assim a situação anormal do teatro official eterniza-se—sem proveito para ninguém, parecendo aproveitar a alguém...

Jesus PEIXOTO

Os franceses na Síria

BERLIM, 12.—Segundo um telegrama de Jerusalém é amanhã iniciada a ofensiva francesa contra os drusos.

O mesmo despacho comunica que oito antigos officiaes turcos estão organizando o exercito regular druso.—L

A PARÇA EM EXIBIÇÃO NA SALA DO RISCO

do Arsenal da Marinha teve ontem mais uma representação, voltando Cunha Leal a proclamar a inocência dos protagonistas

A audiência de ontem—a oitava—teve uma nota a destacá-la: Foi maior a audiência do público, certamente para observar as declarações do tenente-coronel Malheiro. Por isso ao meio dia e vinte minutos principiou a chamada dos acusados e testemunhas. Faltaram os reus civis Aurelio Augusto Facha, Boaventura dos Santos Lino e Samuel Gonçalves, contra quem o promotor requereu sejam passados mandados de captura, devendo o seu julgamento efectuar-se separadamente do grupo que está a responder.

Os presos civis pedem para falar ao general presidente. Vem um deles, que reclama contra o tratamento que é dado aos presos na Torre de S. Julião da Barra, onde ontem lhes foi distribuída uma ração insignificante de filetes de cavala, e meio pão duro e uma sopa de arroz e feijão já azeda e incapaz de se comer.

Reclama ainda contra a forma agressiva e insultuosa como são esses presos tratados pelos oficiais da guarda do tribunal.

O sr. general Ilharco diz que certo rigor empregado para com os civis é motivado pelos actos destes, fugindo à escolha que os conduz à Torre, como ainda ontem sucedeu, e não comparecendo às audiências.

Quanto à alimentação, diz que ordenará providências a quem compete dá-las.

Prossegue o depoimento do comandante do grupo a cavalo, tenente-coronel Silveira Malheiro.

O promotor, general Carmona, faz salientar que as suas declarações feitas ontem apenas se referiram à acção de seis oficiais do Grupo a Cavalo.

A testemunha:

—Cheguei ao Quartel do 1.º Grupo de Metralhadoras e fui preso, estando, durante a revolução, em «messa» ou numa sala. Não vi, portanto, quem estava nas posições.

Conta que, na manhã de 19, em vista da chuva de granadas que caiu sobre os barcos de madeira, os abandonou, sendo nessa altura que se deu a já conhecida cena com os dois soldados do grupo a cavalo.

O sr. Tamagnini Barbosa, instando, diz que os oficiais do grupo a cavalo aqui no tribunal foram os primeiros a dizer que teriam muito prazer em entregar-lhe o comando do grupo, na Rotunda, se o sr. tenente-coronel Malheiro a isso accedesse.

Volta a discutir-se o cerco feito pelo grupo a cavalo quando da revolta da aviação na Amadora, dizendo a testemunha que esse cerco foi feito a valer e não de maneira a ridicularizar o exército.

O defensor:

—Pretenderá v. ex.ª referir-se ao cerco feito agora pelo 18 de Abril?

Não pretendo referir-me, nem estabelecer paralelos; pretendo simplesmente fazer ver a confiança que mereciam todos os seus oficiais e praças.

Em seguida declara que, antes de admitir qualquer oficial no grupo, indagava sempre das suas convicções políticas, pois desajava ter sempre na sua unidade indivíduos sem afinidades partidárias.

A instância deriva agora para a vantagem de haver nas unidades oficiais republicanos ou não.

O sr. Tamagnini Barbosa formula perguntas a que pretende que a testemunha responda de certa forma, e como o sr. tenente-coronel Malheiro devia com habilidade a resposta desejada, o interrogatório torna-se fastidioso por repetido.

Prossegue o interrogatório, sempre interrompido por rectificações.

A certa altura, vem uma declaração da testemunha pela qual o defensor considera provado que era o major Melo e não o tenente-coronel Raúl Esteves que convocava as reuniões, não acidentais, mas promovidas, de oficiais, nas quais se apreciava a situação política.

A testemunha:

—Eu preguntara ao tenente-coronel Ferreira do Amaral o que havia. Suspeitava-se de uma alteração da ordem pública. Mas quem a alterava? Não o sabia. Esclarece o caso do «estandarte» de maneira que causa risos.

Declara que, ao dirigir-se à Rotunda, não ia convencido de que conseguiria alguma coisa, visto que esses oficiais «sabiam bem o crime que tinham cometido e não iam voltar atrás».

—Então para que foi lá?

—Apenas para cumprir o meu dever.

Referindo-se ao sargento Servant, o major Tamagnini Barbosa, depois de declarar que «a defesa tem sido muito benevolosa com os testemunhas», prova haver contradição entre o que o referido sargento declarou e o que o sr. tenente-coronel Malheiro disse. E comenta:

—O sargento Servant foi comprar aguardente para o grupo, sabendo que ele ia para um movimento militar. Ai está mais uma pessoa em que V. Ex.ª não podia confiar...

O major Tamagnini Barbosa leva a testemunha a confessar que realmente chamou cobardes a dois soldados que fugiam, para que eles voltassem a combater.

O capitão Cunha Leal:

—Que conceito forma v. ex.ª das qualidades dos oficiais do grupo que estão aqui?

—O melhor. E só tenho pena do que se deu, porque é difícil substituir oficiais tão bons.

—E sobre as suas qualidades morais?

—O único defeito que eu lhes encontrei foi terem tomado parte nesse movimento.

—Mas, responda-me precisamente: Julga esses oficiais capazes de praticar qualquer acto com intuições menos nobres?

—Não, senhor.

—E os sargentos?

—A uns apreciava-os. A outros, conhecia-os pouco.

—E os soldados foram iludidos? Disse-lhes que iam para exercícios?

—Não sei. Declararam-me dois soldados na Rotunda. O mesmo disseram alguns, no hospital, ao sr. Vitorino Guimarães. Mas não sei se é verdade.

A audiência que foi suspensa às 14,30 horas, reabre às 15.

Vai agora depor o tenente Frederico Peixoto Chedas. Quis esfingir o tenente Chedas de pé o seu depoimento. Principais passagens:

O exército era dia a dia insultado; a desordem tomava aspectos de vergonhosa impudência; a bandalheira generalizava-se de modo assustador. O comandante chegou um dia a sair do quartel para se desalfombrar com um senhor chamado Martins Júnior que insultara o exército num jornal; só não efectuando o seu desejo porque não o encontrou.

De tudo isto, de todo este estado de coisas resultou a ideia, cada vez mais radicada, de o exército intervir no sentido de se pôr cõbora a uma situação absolutamente intolerável.

O seu comandante, sr. major Melo, era dos mais entusiastas. Estava em contacto permanente com um tal Moitinho, da Polícia, dizia que «isto» não podia ser, clamava que era uma vergonha consentir-se tanto.

Chegou a tal ponto a indignação do comandante que chegou a ordenar que se algum civil fosse apanhado dentro do quartel o fusilasse e o deitassem pela muralha fora.

Depois realizou-se a acção entre o major Melo e o tenente Chedas que pouco interesse despertou.

Caminhando para a perfeição

Aos alcoólicos não podem ser entregues missões de responsabilidade

E bebendo, diariamente, pequenas porções de licor alcoólico, que se torna lentamente alcoólico produzindo-se esse envenenamento pouco a pouco, surdamente e sem sinais exteriores (no princípio).

Torna-se rapidamente alcoólico, bebendo frequentemente muitas bebidas alcoólicas sob a forma de licor ou uma grande porção de vinho (embriaguez); a embriaguez constitui, pois, uma intoxicação temporária pelo álcool.

O envenenamento pelo álcool é extremamente rápido, quando se beba, em jejum, aguardente (ou outra bebida análoga), mesmo que seja em pequenas doses.

Não vos descrevo os efeitos destruidores do alcoolismo, tanto no exército, como na marinha de guerra, visto essas duas formas de actividade, parasitária e imoral, vos não interessam, como anti-capitalistas da finança e como humanitários.

Na marinha mercante, o alcoolismo provoca grandes perdas, não só porque os alcoólicos, a quem compete a vigilância dos barcos e navios, embriagados e desorientados pelo álcool, não estão em estado de exercer tão delicada e importante missão, como também o terem mais tendência a serem atacados pelas diferentes doenças, não só as que continuam a aparecer no seu país, como também as que são próprias dos países a que a marinha mercante obriga a entrar em contacto; assim, as doenças exóticas costumam a atacar os indivíduos que viajam.

Os efeitos do álcool são particularmente prejudiciais nos países de clima quente ou muito frio, quer para os que já eram alcoólicos (mesmo que passem a não beber álcool), quer para os que bebam líquidos alcoólicos (e nestes últimos muito mais rapidamente se sentem os efeitos prejudiciais e destruidores do terrível veneno alcoólico).

Não há faltas que a embriaguez não descubra e que não aumente, porque ela expulsa a vergonha, a qual se opõe às más acções.

Desde que o calor do álcool se apodera do cérebro do homem, ele exterioriza tudo o que há mau, pois que se a embriaguez não cria o vício ela põe-nos a descoberto. Então o indivíduo perde toda a decência, todo o decore, o indiscreto dá à língua descobrindo o segredo que se lhe confiou, o insolente aumenta a sua arrogância, no cruel a sua violência, no invejoso a sua maldade, etc. Todos os vícios, pois, manifestam-se larga e abertamente.

Não deixarei de citar algumas passagens, sobre consequências para o indivíduo do uso de bebidas alcoólicas, devidas a Galla Verdin:

«Quasi imediatamente depois de um ligeiro excesso na bebida alcoólica, o homem oferece um aspecto animado, certa disposição à alegria, à benevolência, às expansões afectuosas. Cada qual descobre com sinceridade, com candura e sem dissimulo os seus costumes e o seu carácter. Daqui o ditado: «No vinho se acha a Verdade». Já alguém disse que para muitos homens o momento da embriaguez é, depois da hora do amor, aquele em que são melhores, em que o bom tempo reina nas suas almas. A embriaguez começa, pouco a pouco, como uma espiral que parte de um ponto e se dilata, ascendendo continuamente, entra-se em cheio na primeira fase da embriaguez, numa ampliação da energia psíquica que se exalta. É a fase da excitação, segundo uns, de simples excitação, segundo outros; alguns chamam-lhe de alegria, porque o vinho procura de ordinário as visões rosadas, os voluptuosos paraísos artificiais que Baudelaire cantou».

Luís CORTEZ
Médico

(t) Oscar Lenz, que atravessou a África a pé, sempre com a melhor saúde possível, só bebendo água fervida.

EDEN TEATRO

Sociedade Comercial de Teatros, Limitada
Telef. N. 3900

HOJE PRIMEIRO DOMINGO

A's	Duas	10
8 3/4	3/4	3/4
(20,45)	sessões	(22,45)

Com a graciosa e aparatosa revista

Frei Tomaz ou o Mistério da Rua Saraiva de Carvalho

Grande aparato — Linda música

Joaquim PRATO, no «compre», «claque», «fritas», «ballets» de MARIÉ DE BOURDES

CHARRAS na Gloria, II. modo, II. Suspensão e II. Tonalidade. — Belos notáveis: bailarinos QUINETT & RODEPHI: II. China e II. Macau e ballets russos.

Esplendido desempenho de toda a Companhia

Gloria ao soldado português

Patriótica apoteose. — Esplendido guarda roupa de Castelo Branco. — Direcção artistica de

HENRIQUE SANTANA

TEATRO APOLO

Empresa Luís Ruas, Limit.

HOJE, 13 Telef. N. 4129

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

ESPERANTO

Um novo curso de Esperanto

A Sociedade Esperantista Operária «Nova Vojro», que à difusão da língua internacional entre o operariado se dedica, vai abrir na próxima terça-feira um novo curso elementar. Este curso terá a duração de 4 a 5 meses. Para este curso conserva-se ainda aberta a inscrição até terça-feira. Os alunos pagam apenas a cota mensal de sócios activos, ou sejam 2400. Prestam-se informações na sede da «Nova Vojro», rua do Mundo, 81, 2.ª.

O roubo no comboio do Algarve

Uma carta do Director do Sul e Sueste

O sr. Plínio Silva, engenheiro-director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, enviou-nos, a propósito do roubo praticado no comboio do Algarve, a seguinte carta que nos apressamos a publicar:

«Sr. Director. — Tendo constatado que a pretensão do recente roubo praticado no comboio descendente do Algarve, das rezeiras do Ramal de Lagos, têm sido feitas apreciações e comentários de ordem vária, em que se procura envolver a reputação de uma classe inteira, venho por este meio, no cumprimento de um indiscutível dever que me é imposto pelas funções que exerço, lavar, em meu nome e de todos os meus subordinados, que me honro de dirigir, o meu mais veemente e indignado protesto contra tal procedimento.

Não há, com efeito, o direito de, pela circunstância de dois indivíduos, indignos de serem ferroviários, haverem cometido uma vileza que todos repudiam, pretender por eles aquilatar da moral de uma classe, composta dos mais fervorosos e dedicados trabalhadores que através dos maiores sacrifícios e privações, têm, com dedicação, prestado ao País os mais assinalados serviços.

E' difícil evitar que numa classe tão numerosa se imiscuam elementos indignos de a ela pertencer. Desde este momento e mais do que nunca todos os ferroviários do Sul e Sueste se empenharão em expulsar da sua família todos aqueles cuja moral seja comparável à dos autores do referido roubo.

Pela publicação na integra desta carta muito grato fica, etc.—O engenheiro-director Plínio Silva».

Eleições aparte... aplaudimos a atitude do sr. Plínio Silva, confiados em que ela se repetirá sempre que — como neste momento — seja necessário.

José Ricardo

Da sr.ª D. Sabina Gonçalves Rodrigues, viúva do actor José Ricardo, recebemos uma amável carta de agradecimento pelas referências que aqui foram feitas àquele artista por ocasião da sua morte, aliás, com inteira justiça.

DESPORTOS

FUTEBOL

Torneio bancário

Realiza-se no fim do corrente mês, promovida pelo Grupo Desportivo do Banco Nacional Ultramarino, uma homenagem à memória dos seus ex-campanheiros de trabalho António Querido, José Bento Gonçalves Júnior, que morreram no desastre d'Azambuja. Realizar-se há um torneio de futebol entre o pessoal dos Bancos e Casas Bancárias, disputando-se duas lindas taças com os nomes daqueles dois desditos desportistas. Já foram enviados convites.

O desafio de hoje

Realiza-se hoje em Palmavã, às 16,30, uma festa de homenagem ao antigo jogador Francisco Pereira. Dessa festa faz parte um desafio de futebol entre dois grupos mistos, capitaneados por Vitor Gonçalves e Augusto Silva.

E' a seguinte a constituição dos grupos: Francisco Vieira, Luís Costa e Artur Augusto; Mário Montalvão, Vitor Gonçalves e J. Domingos; José Simões, Gonçalves, Jorge Tavares, Jesus Crespo e José Carreira.

Alaiz, Viriato e J. Morais; Paulo Ribeiro, A. Silva e Cesar; Severo, José Pires, Joaquim Almeida, Pepe e A. Rio.

NATAÇÃO

Os campeonatos regionais

Realizam-se hoje na doca de Alcântara as seguintes provas dos campeonatos regionais as quais principiam às 16 horas: 50 metros, estilo livre, para principiantes; 400 metros, para «seniors»; 100 metros de costas; saltos; estafetas 4X100 metros, para senhoras; estafetas 4X200 metros, para homens; estafetas 5X50 metros, para «seniors» (over-arm, trudgeon, bruços, costas e crawl).

O incêndio em Alcântara

O 2.º comandante dos Bombeiros Municipais foi vítima dum desastre

Quando o 2.º comandante dos Bombeiros Municipais, sr. Luís Caetano Pereira de Carvalho, se dirigia em automóvel para o incêndio que a madrugada passada se manifestou na fábrica de conservas em Alcântara, ao passar na rua 24 de Julho, sofreu uma «derrapagem» resultando aquele senhor cair dentro do veículo ferindo-se no rosto e cabeça. Pensado no Banco do Hospital de São José, recolheu em seguida a casa.

A REVOLTA NA CHINA

E' normal a situação em Macau

O governador de Macau informou que a situação da China continua quasi na mesma, e a de Macau, na mais perfeita normalidade, não se tendo dado ali o mais insignificante incidente, contudo o governo resolveu manter ali ainda por algum tempo o cruzador «República», para o que foram aprovadas as verbas necessárias para o pagamento ali da respectiva guarnição, pagamento que não é feito em ouro, mas sim na moeda local.

AGREMIações VARIAS

Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa. — Reünio a assembleia geral deste grémio, aprovando as seguintes propostas: Aumento de cota para 1800; um voto de sentimento pelos sócios falecidos durante o ano de 1924; um voto de louvor à direcção de 1924 e outro a Eduardo Simões; uma saudação ao ex-tesoureiro deste grémio, sr. António Duarte de Sá. Aprovou o relatório e contas da gerência finda, resolvendo convocar o mais rápido possível uma assembleia magna da classe.

Grupo Solidariedade dos 21 Manufactores de Calçado — Reúne amanhã, às 21 horas.

Lêdo Suplemento de A BATALHA

PERSEGUIÇÕES

Comissão Pró-regresso dos Deportados

Reünio ontem e continuou a absorver que muito «democraticamente» se mantém completo silêncio por parte de todas as autoridades, acerca das deportações! O silêncio é tudo, quando se trata de perseguir o operariado, — ilegalmente mesmo — como se verifica com os deportados, mas o caso muda de figura quando é preciso defender os reaccionários como os de 18 de Abril, que possivelmente até serão condecorados como beneméritos, ou não estivesse a república cada vez mais «democrática»!

Oh! A Igualdade perante a lei!

A Comissão Pró-regresso dos Deportados fará quebrar esse criminoso silêncio, em se manter na Guiné e em Cabo Verde criaturas deportadas sem julgamento, e assim continuará, até que justiça seja feita, a promover conferências, a terceira das quais se realiza na próxima terça-feira pelas 21 horas prelihas, sendo orador o dr. Amâncio de Alpoim que escolheu o seguinte tema: «As deportações e a situação dos operários portugueses».

Contra uma calúnia

A propósito da entrevista dada ao *Século*, e publicada na passada quinta-feira, escreve-nos Manuel Viegas Carrascalão protestando contra a afirmação insultuosa de que todos os presos acusados de fazerem parte da «Legião Vermelha» são cadastrados como gatinhos, vadios e assassinos, desafiando esse senhor a publicar o seu cadastro, a provar que ele alguma vez roubou, matou ou deixou de trabalhar.

Sobre o mesmo assunto e no mesmo sentido recebemos cartas de José da Silva e de Hilário Gonçalves.

Destes sabemos que até ultimamente, estando doentes, foram trabalhando como puderam. Viegas Carrascalão sabemos também que sempre trabalhou, mesmo depois de aleijado, com uma paralisia parcial no braço direito.

O mesmo não poderão dizer um bom número de indivíduos que na polícia empregam a sua «actividade».

Também de Francisco Ramos Graça, preso na esquadra do Caminho Novo, recebemos uma carta idêntica dizendo-nos ter sido preso agora pela primeira vez acusado de fazer parte de um rocambolesco «complot», inventado por um indivíduo conhecido pelo «Pencudo», que agora está ao serviço da polícia.

Há seis dias doente sem tratamento

Há seis dias que se encontra bastante doente no calabouço da esquadra do Caminho Novo o preso Hilário Gonçalves, não tendo até agora aparecido ali alguém que o trate.

O pessoal da esquadra diz que já tem por várias vezes participado o caso para o governo civil. Entretanto continua o preso com violentas dores nos pulmões e sem tratamento algum.

E' esta a humanidade policial.

Comissão Pró-regresso dos Deportados

Na terça-feira, pelas 21 horas, em ponto realiza o dr. Amâncio de Alpoim uma conferência subordinada ao seguinte tema: «As deportações e a situação dos operários portugueses».

A esta conferência, que se efectua na sede da C. S. T., calçada do Combro, 38-A, 2.º deve comparecer todo o operariado.

Desfazendo uma atoarda

O Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra pede-nos a publicação do seguinte: «Tendo vários jornais feito acusações ao camarada Júlio de Anunciação, a direcção da Associação dos Descarregadores de Mar e Terra repudia tais acusações e afirma que esse camarada se encontra há nove anos filiado neste organismo, exercendo vários cargos e por último o de delegado da classe onde era muito estimado devido ao zelo e dedicação pela mesma.

Afirma também que era ele que sempre resolvia os conflitos abertos com a classe patronal pela qual era muito estimado e respeitado».

LEIAM AMANHÃ

SUPLEMENTO SEMANAL DE A BATALHA

SUMÁRIO:

- O julgamento da Sala do Risco.
- A Rússia bolchevista e os jornalistas amadores.
- A situação é revolucionária? Crónica internacional.
- A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.
- A epopeia do Trabalho, por Ferreira de Castro, com desenho de Roberto Nobre.
- A margem da vida, por Cristiano Lima.
- Carta aberta a uma veraneante, por Ferreira de Castro.
- Como nós concebemos o lar, por Nogueira de Brito.
- A escravidão da mulher, por Abalos.
- Ricardo Melia: Olhando o futuro.
- Ecos da Semana, por F. de C.
- O Teatro, por José Martin.
- O que todos devem saber.
- Chico, Zecas & C.ª — com gravuras.

HORARIO DE TRABALHO

Uma comissão da Associação dos Caixaeiros de Lisboa teve ontem uma entrevista com o ministro do interior sobre a falta de observância, por parte das autoridades, pelo cumprimento da regulamentação do horário de trabalho.

Aquele titular prometeu dar instruções às autoridades respectivas no sentido de se cumprir o referido regulamento.

Disse mais aquele senhor, que ficou bem impressionado por saber que a regulamentação do horário de trabalho foi aprovada de mutuo acordo pela comissão que o elaborou e por ser essa comissão constituída por empregados e patrões.

A comissão insistiu porque não sejam permitidas horas extraordinárias, visto a crise que assola a classe dos empregados do comércio.

Oxalá que não sejam esforços baldados.

Ultimas notícias

Um comício no Porto contra as deportações

Promovido pela U. S. O. do Porto, realiza-se, na próxima terça-feira, às 5 horas da tarde, um comício de protesto contra as deportações determinadas pelo governo de Vitorino Guimarães e sancionadas por todos os políticos mandatários desta república azul e branca.

Dado o objectivo desta manifestação, é de prever uma assistência numerosa, tanto mais que a U. S. O. fez distribuir profusamente, pela cidade e arredores, vibrantes e elucidativos manifestos, convidando o proletariado a assistir a essa manifestação, que outro fim não tem senão o de protestar alisonadamente contra o facto iníquo do governo reter na Guiné e Cabo Verde, trabalhadores conscientes, operários probos e honestos à mistura com criminosos de delito comum.

O comício realiza-se na Alameda das Fontainhas, aonde todo o proletariado deve acorrer.

EM VILA FRANCA DE XIRA

BURLA GORADA

Um lavrador que não quer pagar a um rural que se feriu em seu serviço

No dia 22 de Julho andando o trabalhador rural Manuel Lourenço, de Vila Franca de Xira, a trabalhar nas propriedades de André Lamas, de Alhandra, picon-se num dedo da mão direita com uma vagem de fava, de que lhe resultou uma perigosa infecção, da qual se anda ainda a tratar, estando portanto impossibilitado para o trabalho.

O patrão, que ainda lhe pagou a fêria até 28 de Julho, e isto certamente porque o trabalho que lhe competia o fizeram os seus camaradas, desde então tem-se recusado a pagar-lhe.

O sr. Lamas, já que não tem o seu pessoal seguro contra acidentes de trabalho, não pode recusar o salário a quem ao seu serviço se impossibilitou, não tem o direito de lhe negar o pão.

Como o sr. Lamas assim não pensa o Lourenço quisou-se ao administrador do concelho de Vila Franca de Xira.

Como este se tivesse ausentado, o seu substituto José Sousa, de acordo com o patrão, pretende ludibriar o Lourenço, e aproveitando a circunstância deste ser alfabeto, deu-lhe para mandar assinar por alguém um recibo de 100\$00.

A pessoa a quem o Lourenço pediu para lhe assinar o recibo explicou-lhe que por ele se daria o Lourenço por compensado de todos os prejuízos que o seu ferimento lhe acarretasse, pois que era ao mesmo tempo uma declaração de conciliação com o proprietário Lamas que pretende esquivar-se àquilo a que a sua situação de explorador do suor alheio o obriga.

Não deixava de ter graça pagar-se a um indivíduo, que se impossibilitou a trabalhar para que outro enriquecesse algumas semanas ou meses de salário, o tratamento, e a imputação dum dolo, que o Lourenço terá provavelmente de sofrer, com uns míseros 100\$00.

E' por esta forma que os «cirineus» encaram os que os enriquecem. Quando não estão aptos a drenar-lhe o ouro para os cofres lancem-se à margem.

Veremos se o tribunal de acidentes de trabalho também pensa como esse senhor lavrador, e como esse senhor administrador substituto que pretende vigiar um trabalhador em benefício dum «força viva», e contra a lei que lhe tem a obrigação de cumprir e fazer cumprir, que para isso é que nos arrancam a pele em contribuições para lhe pagar.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

Amãnhã, no Maria Vitória, vão reünir-se os numerosos amigos e admiradores do popular artista Alfredo Ruas, que realiza, ali a sua festa artística. As duas sessões dessa noite, no Maria Vitória, apresentam-se repletas de sensacionais atractivos incluídos na revista «Rataplan».

Noticias

A avaliar pelo êxito obtido nas últimas noites com a nova revista do Eden Teatro, «Frei Tomás» ou o «Mistério da Rua Saraiva de Carvalho», as duas sessões desta noite devem marcar definitivamente o seu triunfo, dado que é o primeiro domingo em que a notável e popularíssima peça se representa, com todos os seus excepcionais atractivos, a sua leveza, o seu cunho acenudamente popular, o esquisito dalguns números cheios de novidade e de frescura, a sua lindíssima música, leve e saltitante, a beleza dos cenários e o encanto do guarda-roupa, rico e vistoso. «Frei Tomás» ou o «Mistério da Rua Saraiva de Carvalho», é positivamente a peça musicada da actualidade e o grande acontecimento teatral de este final de verão.

OS QUE MORREM

Augusto Sabino

Realiza-se hoje, às 10 horas, o funeral do operário da fábrica de chocolates S. I. C., Augusto Sabino, saindo o préstito fúnebre da rua Maria Pia, 311, r/c, para o cemitério da Ajuda.

Travessia aérea arrojada

Os acrobatas «Os Silvas» levarão a efeito, no próximo dia 5 de Outubro, uma travessia aérea, por meio de cabo de arame, suspensos pelos dentes, cuja partida será de um dos prédios próximos do Convento da Encarnação e a chegada ao prédio que faz esquina do Largo de São Domingos para o Rossio.

A meio do trajeto executarão alguns exercícios de acrobacia.

TIVOLI

Telefone N.º 5474

Matinée às 3 horas Ultima repetição do grandioso «film» em 8 partes A ESTRELA DE ISRAEL DUAS CINE-FARÇAS Uma revista de Elegâncias A'MANHÃ: Programa completamente novo	Soirée às 8 horas e 3/4 O SEGREDO PROFISSIONAL 5 partes A RAINHA DO MOTOR Extraordinário «film» em 8 partes Um documentário Uma revista de Elegâncias A'MANHÃ: Programa completamente novo
--	--

Prêso porquê?

Por ter sido agredido a cavalo marinho por um civico...

Há cerca de oito dias, no Póço do Borratém, quando recolhia a sua casa, foi brutalmente agredido a cavalo marinho pelo civico n.º 625 da 4.ª esquadra, conhecido pelo «Varino», Manuel Pereira Barcelos, sem que couxa alguma justificasse tão furiosa investida.

Anteontem, estando o Barcelos num café ali próximo, o mesmo guarda prendeu-o, conduzindo-o ao governo civil, onde se encontra no calabouço n.º 8, sem saber porquê.

Talvez o motivo da prisão fosse o ter sido agredido pelo «Varino». Acusam-se por vezes presos de cousas tão disparatadas, que nos não admirávamos que fosse esse o motivo da prisão do Barcelos.

Os socialistas e os acontecimentos de Marrocos e da Siria

PARIS, 12.—Os «leaders» socialistas enviaram cartas a Painlevé, como presidente do conselho, e ao sr. Herriot, como presidente da Câmara dos Deputados, pedindo a imediata reunião das duas casas do parlamento, a fim de ser discutido o desenvolvimento dos acontecimentos de Marrocos e da Siria.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Calceteiros Municipais

Realiza-se hoje nesta Sociedade, pelas 21 horas, um baile dedicado aos dois grupos desportivos, no qual será oferecido o brinde ao «cedor».

Anta a festa uma troupe musical.

TERÇA-FEIRA, 15

É POSTO À VENDA O 6.º NÚMERO DA REVISTA GRÁFICA DE NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

RENOVAÇÃO

QUE CONTÉM OS SEGUINTEs ARTIGOS TODOS PROFUSAMENTE ILUSTRADOS:

- As vindimas
- Os Polos e os esquimós
- A dança e a gymnástica rítmica
- O Riif contra a França e a Espanha
- O naufrágio
- O povo e as revoluções
- Imprensa operária
- Os grandes mistérios da vida
- O mundo curioso
- Actualidades

O presente número, além de 16 páginas de texto ilustrado com dezenas de gravuras e duma capa a cores, inserta a reprodução dum magnifico quadro em «hors texte».

A pesca do bacalhau

Segundo os dados exactos feitos nas estações competentes da marinha, os navios portugueses, durante o ano passado, trouxeram 6.521.611 quilos de bacalhau, no valor de 19.482.589\$00, e importámos do estrangeiro 39.167.295 quilos no valor de 229.939.589\$90.



COMO DEBELAR A CRISE DE TRABALHO

Jerónimo de Sousa diz à BATALHA o que a Federação de Calçado, Couros e Peles precisa ver atendido para atenuar a crise na indústria

A indústria de calçado, couros e peles, é uma das muitas que atravessa no actual momento uma crise de trabalho aguda. Para que nos habilitássemos a fornecer aos leitores as razões determinantes de tal situação e a conhecer de perto como os elementos de solução conta a federação daquela indústria, procuramos ontem o nosso camarada Jerónimo de Sousa, um dos mais activos militantes da classe, e secretário geral daquele organismo federativo. Durante alguns momentos foi-nos grato registar o conhecimento profundo da venda do calçado na clara exposição que nos fez Jerónimo de Sousa, sobre a crise e forma de a atenuar. A primeira pergunta sobre a existência da crise respondeu-nos:

—Pode considerar-se permanente a crise de trabalho na indústria de calçado, couros e peles. Quando, porém, chega a época de banhos a crise agrava-se.

—Qual é o factor da crise permanente? —Muitos. O principal é a falta de capacidade monetária do consumidor. Mas há mais. A importação de calçado estrangeiro, o desenvolvimento e aplicação da máquina na indústria e a perda dos mercados das colónias, Ilhas e Brasil.

—Com que elementos conta a vossa Federação para combater esses factores e concomitantemente atenuar a crise?

—Com vários, a saber: A falta de capacidade monetária do comprador só transformando a sociedade ela se evita. A importação de calçado com os elementos que constam duma reclamação já entregue a um dos governos e que é...

O nosso entrevistado sacou dum pequeno masso de papeis uma cópia da referida reclamação na qual se defendem os seguintes princípios:

—Que seja proibida, embora transitória, a importação de todo o calçado enquanto se verificar a crise existente na indústria de calçado;

—Que a pelaria não fabricada em Portugal seja livre de direitos, assim como toda a matéria prima necessária ao fabrico nacional, facilitando desta forma o barateamento do calçado e o desaparecimento da crise que também asseberba o ramo de cortumes;

—Satisfeita esta reclamação a crise seria atenuada;

—Não; compreendes que 10.000 desempregados numa indústria que tem pouco mais de 15.000 operários não pode encontrar naquela medida o atenuamento da crise. Seria apenas um factor do debelamento. E quando apresentamos ao governo aquele ponto de vista, fundamentamo-lo no seguinte:

—O mercado nacional está sendo invadido por calçado de procedência americana, inglesa, alemã, espanhola e francesa. Mercê do desenvolvimento e florescência da indústria em quasi todos aqueles países, o calçado pode facilmente competir com o nacional, cuja indústria, como sabes, está o mais possível pulverizada.

—A isenção de direitos da pelaria estrangeira está, como acentuámos, justificada na conveniência de baratar-se o calçado e de fazer desaparecer a crise de trabalho.

—Mas os fabricantes de cortumes não asseveram que Portugal produz peles suficientes para o consumo?

—Dizem, mas não é verdade. Portugal, em pelaria, não produz para as necessidades da indústria nacional. Estamos certos, no entanto, que se os industriais de cortumes desenvolvessem e aperfeiçoassem o fabrico poderiam satisfazer as necessidades de consumo. Assim, não!

—Disseste que a crise não podia ser atenuada apenas pelo que a reclamação entregue ao governo defende...

—E' verdade. Nós possuímos outras fórmulas que não podemos prescindir para

PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

O Sindicato de Indústrias Gráficas

No sindicato dos compositores está em discussão na generalidade há três sessões a tese "Sindicato de Indústria Gráfica" que vai ser presente ao II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, em Santarém, e parece-nos que pela vontade dos indivíduos, essa discussão prolongar-se há ainda depois da realização daquele.

Os sindicatos dos impressores, encadernadores e litógrafos, já aprovaram a sua constituição com pequenas alterações.

Pois, no sindicato mãe, a questão não vai tão depressa. Alguns dos argumentos aduzidos em contrário da sua constituição é que é inexistente, porque a classe não está preparada para tão alto comitamento, faltando-lhe a educação, e os elementos que compreendessem o valor do sindicato seriam poucos, etc. Outros enroscam-se em dissertações, fazendo uma embaraçada com os comités de oficinas, conselhos de secções e técnicos, desconhecendo as vantagens dos mesmos, afirmando que não se vive de ideias, sendo um trabalho descalçado sobre as teorias de Marx, exigindo muito estudo e propaganda, etc., etc.

Mas após alguns saltos, demonstram ser um trabalho bom, mas cedo ainda para ser posto em prática.

A todas estas considerações opomos uma resposta clara: pô-lo em execução, fazer a experiência!

Fora disto são prematuras todas as conjecturas em seu desabono! Mas nós sabemos muito bem onde o gigante quer meter o dedo...

A falta de tempo inibe-nos de demonstrar com uma mais larga proficiência a vantagem e conveniência da nova estrutura dos sindicatos de indústria e consequentemente o da grafia, para os trabalhadores que nestas especialidades empregam a sua actividade.

A organização ou constituição dum sindicato de indústria nasce indubitavelmente da necessidade dum melhor adaptação à luta cotidiana contra os industriais e implicitamente da junção de todos os indivíduos que se empregam em todos os ramos da indústria e na complexidade dos trabalhos executados para a produção total dum determinado obra.

E assim a sua estrutura está de harmonia com as circunstâncias actuais de diversas indústrias e entre elas a gráfica, e corresponde a sua organização aos princípios de luta preconizados pelo sindicalismo e dos seus operários se sindicarem corporativamente nos quadros da indústria em que trabalham.

A base do sindicato de indústria é a produção no seu conjunto. Vejamos um exemplo: Na execução dum livro de leitura são necessários, tipógrafos, impressores, encadernadores, gravadores e litógrafos. Cada uma destas especialidades tem a sua cota parte nesse trabalho. Todas estão dependentes para uma obra, não podendo cada uma delas bastar-se a si própria, assim como não poderá ser dispensada.

Se para a execução desse trabalho, como doutros, tanto nas casas de obras como nos jornais, os indivíduos das especialidades inerentes trabalham em comum ou não podem ser dispensados, quais os inconvenientes da sua junção num só organismo que os englobe, e onde seria mais aproveitada a sua acção em defesa dos seus interesses profissionais e materiais?

E sendo assim, não seria lógico que todos os indivíduos da indústria estivessem agrupados, ligados no mesmo elo, agrupando-se nas suas especialidades e estas num só organismo? Não seria aproveitável agregar aqueles indivíduos em reduzido número que não podem formar um sindicato, como os gravadores, fotógrafos, estereotipadores, fundidores de tipo, etc.? Não traria inúmeros resultados o contacto em comum de todos os militantes das diversas especialidades? Não seriam aproveitadas melhor as suas qualidades e as de muitos outros componentes da indústria? Não têm dados mais resultados para as classes os movimentos organizados com a cooperação dos delegados de oficina?

E quantas coisas não poderia citar em auxílio do Sindicato de Indústria. Mas por hoje basta!

Carlos José de SOUSA

PROPAGANDA SINDICAL

No Alto do Pina

realizou-se a primeira sessão promovida pela comissão mista

Conforme foi anunciado, realizou-se ontem a Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina, uma importante sessão de propaganda na sede da Secção da Construção Civil.

Aberta a sessão, Guilherme Mesquita, secretário geral da comissão, expõe a acção que a Comissão Mista de Propaganda Sindical vai desenvolver em prol dos interesses do povo do Alto do Pina. Lamenta que haja operários inconscientes que trabalham mais que oito horas diárias quando o não deviam fazer visto a grande crise que avassala a classe trabalhadora.

Em seguida dá a palavra a Vergílio de Sousa, delegado do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, que criticou a actual sociedade, demonstrando os resultados perniciosos para a humanidade, da guerra, da caserna e militarismo, espraiando-se sobre a necessidade da mocidade trabalhadora se integrar dentro dos núcleos das Juventudes Sindicalistas, educando-se e preparando o seu espírito para o advento da nova Sociedade.

Foi aprovada por aclamação uma moção contra as deportações e de apoio à acção que a comissão vai desenvolver, encerrando-se em seguida a sessão aos vivas à C. G. T., Juventudes Sindicalistas e gritos de Abaixo a Reacção.

Secção Telegráfica

Federações

DO LIVRO E DO JORNAL

Organismos da província—Seguem os

Uma carta da Rússia que revela até onde vai a fúria ditatorial do Partido Comunista e como é fictício o movimento operário na República Soviética

A burocracia sindical

O maior burocratismo reina nas uniões profissionais. Os operários descontentes com isto são proseguidos.

Mentira! dirão talvez os amigos da outrança dos nossos métodos revolucionários. Bem! Leiamos o artigo de Melnichanski no *Frud* (Trabalho), órgão da V. C. B. P. S. (C. G. T. russa), n.º 69 de 26-4-1925.

Confessa este burocrata entre os burocratas: «A direcção das organizações sindicais tornou-se em muitos lugares uma profissão». (Para estar de acordo completo com a verdade, é preciso dizer por toda a parte em vez de muitos lugares).

«Em certas regiões nossas, forma-se uma camada de burocracia sindical fora da própria organização, que se considera destinada a realizar unicamente este trabalho».

O autor acrescenta que o facto não é ocasional. Certamente que não digo eu. E o que fizeram Losowski, Toms, Melnichanski e os seus amigos do centro, repetem-no os seus inferiores na província; os pequenos ditadores seguem simplesmente o exemplo dos grandes.

E o «garlo» burocrático gosta do dinheiro dos sindicatos. Apesar das cotizações muito elevadas, a maior parte dos sindicatos têm deficit. Em 1924, 520 sindicatos tiveram conjuntamente 1.043.677 rublos 59 kopecks de deficit. Melnichanski reconhece que a maior percentagem era gasta em pagar aos funcionários. Em geral o que se chama «o grande movimento profissional russo» não é senão a filial do partido comunista, filial obediente e executando sem discutir a ordem dos chefes.

Leitores à força

Alguns ingénuos ocidentais parecem acreditar sinceramente que desta maneira podem, como os operários russos, fazer a frente única...

Ingénuos! gostaria que me respondessem a esta pequena, mas característica pergunta: «... Que diria a classe operária organizada do Ocidente se tm destes representantes a fizesse assinar, sem a consultar, mil exemplares duma revista qualquer?»

Eu suponho que, verdadeiramente revolucionária, ela protestaria contra esta usurpação dos seus direitos. Não reconheceria a um camarada, qualquer que fosse a confiança nele depositada, o direito de receber a importância das assinaturas, entre os que desejassem receber a revista. Tudo em contrário, é um verdadeiro abuso de confiança! Pois bem! É assim que acaba de proceder o delegado da V. C. B. P. C. em Londres.

Arranjou mil assinaturas da revista «A Unidade do Movimento Profissional» e a V. C. B. P. C. aceitou o gesto depois de executado.

Seria interessante conhecer os nomes dos mil assinantes. Certamente, que não se pode dá-los. E' o delegado Michailov o culpado?

Certamente que não; ele agiu como de costume. Actos semelhantes são correntes. Tornam-se assinantes duma revista ou dum jornal, e ninguém protesta.

Considerar-vos-iam um contra revolucionário se não passasseis esta impostureira encoberta.

Poderia dizer-vos muita coisa sobre o carácter «revolucionário» do nosso movimento. Espero numa próxima carta dar-vos imagens mais impressionantes. Os camaradas apreciarão.

Agora algumas palavras sobre os partidos políticos. Na Rússia não existe nenhum

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Colonos para Angola

O alto comissário de Angola comunicou que tem ultimamente desembarcado na aquela província vários indivíduos da metrópole, que vão lá procurar emprego, mas que a situação da província não permite que a situação da província não permita que os colonos numa situação deveras embaraçada, visto também não terem possibilidade de se empregarem no comércio, em virtude de estar limitando o numero dos seus empregados, julgando portanto de toda a conveniência que qualquer pessoa siga para a colónia só quando nela tenha assegurada a sua colocação.

Operários das obras do Estado

A Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil previne todos os operários licenciados e que trabalhavam nas obras do Salvador, Boa Hora, Santa Maria, Instituto de Ciências, Quelhas, Caxias, Cosinha Económica de Alcantara, Palácio da Pena, Liceu Pedro Nunes e Aquário, apresentarem-se amanhã, nas respectivas secções, para retomarem o trabalho.

Amanhã vai o delegado junto da administração para saber quando abrem as restantes obras o que será publicado na terça-feira em A Batalha.

Este organismo previne que se encontra todos os dias, das 9 às 12 horas, na sede, o delegado para atender a qualquer reclamação de operários que porventura tenham encontrado inconvenientes na sua readmissão.

OS CALOTES DO ESTADO

Com os ministros das Colónias, Comércio e Finanças conferenciou ontem o sr. Jaime Tompson, director-delegado da Companhia Nacional de Navegação, acerca do pagamento da dívida do Estado aquela companhia, que monta a alguns milhares de contos, sendo a importância devida pelo ministério das Colónias.

Vida Sindical

C. G. T.

Reúne hoje, pelas 14 horas, a comissão elaboradora dos trabalhos a apresentar ao Congresso ténit.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Conselho Geral

Reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, para assuntos urgentes.

Comissão Revisora de Contas de «A Batalha»

Reúne amanhã pelas 20,30 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Metalúrgica.—A comissão administrativa, na sua última reunião, ocupou-se do envio duma circular aos sindicatos metalúrgicos sobre a solução do conflito entre o comité do Norte e a Federação.

Resolveu o comité do Norte ao sindicato de Evora e colher informes sobre a crise de trabalho em Vieira de Leiria que muito está afectando os metalúrgicos da especialidade de limas.

S. U. C. Civil.—Reuniu-se em assembleia geral para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal, tendo sido nomeada uma comissão que apresentará um parecer sobre as mesmas na próxima assembleia.

A comissão escolar apresentou o resultado do passeio a Sintra, sendo nomeada uma comissão composta por Guilherme Artileiro, João Coelho e João Francisco para rever as contas. Deliberou-se que nos intervalos do Congresso Confederal se efectue uma Conferência dos Sindicatos da Construção Civil para resolver sobre os seguintes assuntos: crise de trabalho, habitação e higiene da mesma, horário de trabalho e deportações.

Impressores Tipográficos.—Todos os camaradas sindicados, devem exigir O Gráfico ao cobrador.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Compositores Tipográficos.—Pelas 15 horas para continuação dos trabalhos pendentes: as teses ao Congresso Confederal. **Sindicato Unico Metalúrgico.**—Secção do Povo do Bispo.—A Comissão Administrativa, às 13 horas, juntamente com os cobradores.

Federação da Construção Civil.—Pelas 15 horas, as Comissões nomeadas pela Federação e Sindicato de Lisboa, para apreciar as teses a discutir no próximo Congresso Confederal.

Vendedores de Jornais.—Pelas 19 horas, para apreciação das teses do II Congresso do T. do Livro e do Jornal (5.º Congresso Gráfico), não havendo número reúne em 2.ª convocação uma hora depois. **DIAS PRÓXIMOS**

Federação do Livro e do Jornal.—Reúne o Conselho Central em 15 às 18,30, com a seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação de delegados aos Congressos Confederal e Confederal e discussão das teses a discutir neste.

Impressores Tipográficos.—Reúne amanhã, às 21 horas, em assembleia geral para continuar na apreciação das teses, que vão ser presentes dois Congressos.

Sindicato da Construção Civil.—Conselho Técnico.—Amanhã, pelas 21 horas, reúne o conselho de delegados.

Secção Sindical de Belém.—Realiza-se no dia 15 a assembleia geral.

Manipuladores de Pão.—Reúne-se em assembleia geral, amanhã, às 11 horas, para apresentação do balanço, nomeação duma comissão revisora de contas e outros assuntos.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Secção do Povo do Bispo.—Segunda-feira pelas 21 horas os delegados ao Congresso.

Operários Municipais.—Para discussão das teses a discutir no Congresso Confederal, reúne a assembleia na próxima quarta-feira, às 20,30 horas.

Operários Alfaiates.—Reúne na próxima terça-feira, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a ordem de trabalhos que ficou da atrazada e ainda a apreciação da tese «Estatutos da Confederação Geral do Trabalho».

SINDICATOS DA PROVINCIA

S. U. C. Civil de Sintra.—Reúne-se na próxima terça-feira, em assembleia geral, pelas 20 horas, para apreciar as teses que vão ser apresentadas ao Congresso Confederal, habilitando o seu delegado a pronunciar-se sobre elas.

Manipuladores de Pão de Cascais e Oeiras.—Reuniu-se em assembleia magna para a fundação de uma secção que abraça os dois concelhos. Devido de tratados todos os assuntos, foi verdadeira a atitude da Companhia que pretende baixar os salários ao pessoal, sendo resolvido, caso os industriais não se demovam do seu propósito, acompanhar qualquer movimento que a central de Lisboa leve à prática.

Foi nomeada uma comissão organizadora que administrará a secção até à aprovação dos novos estatutos da central.

Esta secção reúne-se provisoriamente na secção da Construção Civil de Parede, rua Elias Garcia, casa Domingos Alfereis.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

E

TERRAS DE FOGO

— DE —

Juliano Quintinha

2.ª Edição—Escudos \$800

A venda em todas as livrarias.—Pedidos a secção de Livraria de A Batalha

INTERESSES DE CLASSE

Construção Civil de Almada

Operários desta indústria traem o horário e prejudicam os desempregados

ALMADA, 11.—Habita neste concelho um indivíduo chamado João dos Santos Reis, empreiteiro de obras da construção civil, que está prejudicando os operários desta indústria e os descarregadores de mar e terra, fazendo descargas de tijolo e de outros materiais, como ainda ontem sucedeu com uma descarga, feita de madrugada, para não ser notada, por operários da construção civil.

E' lamentável que operários da construção civil se prestem a satisfazer a ganância desse senhor, atraiçando o horário de trabalho e os interesses dos descarregadores.

Para este caso deve o Sindicato C. Civil de voltar a sua atenção, tomando as providências que ele require.—E.

Pela Casa da Moeda

Urge promover a união do pessoal

Sob esta epígrafe, publicou ontem A Batalha uma carta de José S. Afonso na qual apela para os operários organizados no sentido de levarem ao fim uma boa união do pessoal há muito desejada.

Parece, à primeira vista, que os operários organizados, são os culpados da desorganização do restante pessoal, quando finalmente verificamos o contrário.

São os operários organizados que se encontram sempre na brecha em defesa do bom nome deste importante estabelecimento do Estado, quer nas colunas da Batalha, quer em qualquer lugar em que o mesmo seja apoucado, atitude que por sinal lhes tem feito passar alguns dissabores.

Diz mais Afonso que a decadência deste pessoal se deve à política nefasta de apropriação de operários, o que tem que acabar.

Muito bem, meta o amigo Afonso a mão na consciência e veja quem faz política nefasta. São os operários? Não!

E' alguém que tem todo o interesse em que os operários se estejam degradando para poder manter a sua estabilidade já de há muito abalada. Porque se assim não fosse outro galo cantaria como se costuma dizer, mas adiante. Numa das passagens da sua carta diz «para isso faço um apelo aos camaradas organizados, aqueles que, conscientes de um dever, têm por obrigação abrir caminho de princípios e não de intrigas, ódios e vinganças».

Então não será abrir caminho de princípios, a acção exercida pelos operários organizados, sempre em defesa da boa moral que deve existir entre operários desta casa, defendendo constantemente todos os seus interesses sob todos os aspectos?

Concluindo, amigo Afonso, eis aqui as intrigas, ódios e vinganças, realizadas pelos operários não só organizados como os conscientes que apenas almejam o bem estar e engrandecimento do pessoal da Casa da Moeda.

Encontra-se o amigo Afonso na disposição de reorganizar o Sindicato do Pessoal da Casa da Moeda, baseado nos princípios sindicalistas revolucionários? Se se encontra mãos à obra!

Artur CARDOSO

Operário da Casa da Moeda e sindicato

II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal

Está em distribuição mais um número de O Gráfico, órgão corporativo da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, que insere as restantes teses que ainda não estavam publicadas e que vão ser presentes ao referido congresso corporativo, que se vai realizar nos próximos dias 20, 21 e 22, nas salas da Associação dos Empregados no Comércio de Santarém.

A comissão organizadora pede a todos os organismos que ainda não enviaram a sua adesão, bem como o número e nome dos seus delegados, para o fazerem o mais breve possível, em virtude dos poucos dias que restam para a sua realização